

O DIABO		MAIS	
TEMPO	- 8 NOV 1985	TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		ÊXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	

CRÓNICA

Iguais mas diferentes

Manuel de Portugal

CREIO que, se não há engano, a essência básica da Democracia é todos sermos filhos de Deus. Isto é, perante a Lei, perante os agentes do Estado, perante as formalidades da Administração, a igualdade de tratamento deve ser, para todos, continuamente uniforme. Sem escandalosos favoritismos a este. Sem marginalizações àquele. Sem passadeira vermelha e fanfarras para uns. Sem arame farpado e metralhadoras para outros. Na vida democrática, como a entendo (e até admito poder estar enganado) tenha cada um a meta que tiver, sabe que, à partida as oportunidades são iguais para a globalidade da população. Do neto do Zé sapateiro à sobrinha da Excelentíssima Senhora Dona Maria Rita Belchior de Oliveira e Saavedra Queiroz de Mendonça.

À face da Lei, no tocante às futuras eleições para Presidente da República, todos são, de Freitas do Amaral a Mário Soares, da Madre Pintassilga a Zandinga, de Orlando Vitorino a Menezes Alves, passando pelo homem do queijo da Serra, apenas candidatos a candidatos. A todos faltando, ainda, por igual, o processo de formalização no tribunal respectivo.

Natural seria, pois, e lógico também, que a Televisão Estatal abrisse ou fechasse as suas portas por igual a estes candidatos a candidatos. Sem privilegiar Soares. Em detrimento de Zandinga. Sem marginalizar Orlando Vitorino. Para beneficiar a Pintassilga. Sem ignorar Menezes Alves. Para favorecer Freitas do Amaral. Ou o Sol televisivo, quando nasce, é para todos, ou a noite do esquecimento a todos deve cobrir com o manto negro dum raziante e igualitário silêncio geral.

A missão da RTP é, entre outras, informar. Informar com precisão. Informar com eficácia. Informar objectivamente. Amplamente. Isentamente. Não o tem feito. Daí que, com razão, Orlando Vitorino tenha reclamado. Talvez por julgar que vive num País democrático. Num Estado de Direito. Numa sociedade civilizada. Puro engano.

Escrever sobre o tartufismo hipócrita da Televisão Estatal é chover no molhado. Uma vez que, de Cavaco Silva a Ramalho Eanes, de Lucas Pires a Álvaro Cunhal, são unânimes as opiniões de que aquela empresa pública é vesgocha de todo, estrábica na forma de respeitar as pessoas, vergonhosa no modo como encara certos assuntos políticos, puxando a brasa à sardinha dos seus afilhados e dando sempre a maior e melhor fatia do bolo aos seus protegidos. De todos os quadrantes, dos comunas aos sociais-

-democratas, dos centristas aos peronista-eanáticos, se ouvem reclamações contra os desbragamentos da Informação televisiva. Num coro alargado em que todos concordam ser imprescindível uma valente e vigorosa vassourada a ser feita o mais depressa possível.

Em ofício assinado por Manuel João da Palma Carlos (advogado de Lisboa, reformado da Função Pública que Mário Soares favoreceu com o cargo de Presidente da RTP) se explica, ao reclamante, que os critérios jornalísticos que presidem à escolha dos entrevistados resultam da apreciação da importância relativa, em termos de informação, dos potenciais candidatos à Presidência. Quem aprecia quem? Quem censura quem? Sem comentários...

NA Grande Depressão, no dealbar da década trinta, em certos Estados da América, só podia trabalhar quem estivesse inscrito no respectivo sindicato. E, pasme-se, mas é Verdade, só era admitido a inscrever-se no sindicato quem já estivesse a trabalhar. Era a protecção aos instalados... É lógico, intuitivo e óbvio e nada transcendente que se a Televisão só falar durante alguns meses no candidato A ou no candidato B estes terão cem vezes mais hipóteses de vitória que os ignorados candidatos X, Y ou Z. Se a televisão fosse realmente isenta até era mais compreensível que desse a conhecer ao Público as facetas mais interessantes dos candidatos desconhecidos (as suas ideias, a sua argumentação, a sua argúcia, os seus planos, etc. etc.) do que repisar indefinidamente os velhos e gastos slogans de Mário Soares (sempre a mesma conversa de chachas) ou as populistas visitas pastorais de Madre Pintassilga a tudo quanto é praças e mercados, com vivas à Cristina e foguetório por conta dos caciques locais.

Inteligentemente Freitas do Amaral torneou a questão. Escreveu um livro e, pagando, aparece-nos todas as noites no pequeno «écran» a dizer-nos que tudo está mal e que ele, como autor, é claro (e não como candidato a candidato a Presidente da República) tem uma solução para PORTUGAL. E os outros que não têm possibilidade de escrever livros ou não têm dinheiro para alugar tempo de emissão nos blocos publicitários nas horas de maior audiência?

Reparem como a nossa pseudo-Democracia é assimetricamente desigual em termos de lisura nas oportunidades. Farisaicamente o ofício da RTP tenta deitar poeira nos olhos ao afirmar que a lei determina igualdade de tratamento obrigatório durante a campanha eleitoral

e, de momento, apenas existem intenções de candidatura. Ou seja que, como candidatos a candidatos, são todos iguais, mas... diferentes...

É por estas e por outras que somos, de facto, um País atrasado. Esganam-se por causa de políticas de campanário. Matam-se à sacholada por causa dum desvio de águas. Cometem-se vilezas para, com contínuos dobrar de espinha, agradar ao sátrapa que estiver no Poder. O Sistema é que dá as benesses, logo incensem-se os corifeus do Regime. Entrevista a ti, telejornal a mim. Tudo menos dar qualquer possibilidade aos de fora. Aos que não lhes vão beber à mão. Que não alinham pelas palinódias oficiais ou officiosas, nem vão na conversa. Televisivamente o Regime protege-se. Como num «ballet» bem coreografado Almeida Santos ataca Cavaco, Cavaco ataca Cunhal, Cunhal ataca Lucas Pires e Lucas Pires ataca tudo e todos, que é para ninguém se queixar. Mas, fora do Sistema, ninguém é admitido na festa...

Em PORTUGAL, nos fins do século vinte, tal e qual como em pleno século dezanove (leiam-se os clássicos) a Política continua a ser um clube fechado em que só entra quem for sócio do sindicato. E só se pode inscrever no sindicato quem já tiver entrado na Política. Pela porta da frente ou pela do cavalo consoante a craveira do padrinho ou o valor da conta no Banco.

É curioso (mas consolador) vemos que a batalha que aqui vimos travando há dez anos em prol das televisões privadas começa a ganhar adeptos por todo o lado, admitindo hoje a classe política aquilo que sempre se recusou a ver com bons olhos: que só os estados ditatoriais ou de Democracia imperfeita insistem no monopólio televisivo como forma arbitrária de manipularem as populações que governam e, a todo o custo, querem controlar. Se, finalmente (e após tanta luta) já se conseguiu acabar com essa porcaria aberrante que foi o Conselho da Revolução, esperemos que a evolução tecnológica obrigue a miopia dos nossos políticos a enxergarem um pouco mais longe e a perderem o complexo salazarista de que é um perigo a televisão poder cair nas mãos erradas, ou seja naquelas que, por todas as formas, se opõem ao monopólio dos excessos do Poder. Enquanto a malfadada e maldita RTP tiver a concessão exclusivista de nos envenenar de toda a maneira e feito continuarão a existir filhos e enteados, afilhados e protegidos, protecção aos da cor e marginalização aos do contra. Isto é: teoricamente todos somos iguais, mas diferentes...